

Muitas dessas falhas se explicam, segundo o próprio autor, pelo fato de não serem cabíveis num manual explicações mais pormenorizadas. Contudo, esta desculpa não justifica tôdas as deficiências, como p. ex. o capítulo sôbre o ser supremo (págs. 98-106).

O autor concede sem restrições que nas culturas consideradas as mais antigas — e nestas muitas vêzes de modo pronunciado — se encontra a idéia de um ser supremo e pessoal, autor do mundo, e como tal todo-poderoso, onisciente e eterno, conservador de suas criaturas. De todos êstes fatos, contudo, não se poderia, em sua opinião, induzir um monoteísmo primitivo, idéia esta já tantas vêzes refutada. Não se poderia falar dum deus verdadeiro, muito menos dum deus único, pois, a seu lado, existem outros poderes superiores, aos quais se presta culto maior do que ao próprio ser supremo. Êste não sômente não seria algo sobrenatural, mas algo fictício, tendo sua origem na tendência do homem de personificar, ou seja na crença duma fôrça impessoal e mágica aliada à veneração prestada a salvadores, heróis civilizadores e aos antepassados. O autor encerra o capítulo com a conclusão categórica de que o verdadeiro monoteísmo é um fenômeno único, isolado e recente, que não encontra paralelo no monoteísmo das culturas antigas.

Frases como essas não desmentem sua origem. Autores como Schmidt, Gusinde, Schebesta, Koppers e muitos outros, que dedicaram a vida tôda a tais problemas, parecem ser ignorados. Dittmer apresenta suas idéias sem a menor preocupação de provas, enquanto o Pe. Schmidt, defendendo a tese de que o monoteísmo é a primeira de tôdas as formas religiosas, desenvolve esforço leal para dar às suas idéias fundamentação sólida, o que, aliás, os seus próprios adversários reconhecem. Embora o monoteísmo primitivo possa talvez ser posto em dúvida, contudo, em face do material publicado e colocado ao alcance de todos, não se pode negar que já entre povos considerados os mais antigos se tenha registrado verdadeiro monoteísmo. (*Paul Schebesta: Das Problem des Urmonotheismus. Kritik einer Kritik. Anthropos, 1954, vol. 49, fasc. 3-4, págs. 689-697*).

Poderia ser mencionada ainda uma ou outra inconseqüência e incorreção. Exige o autor que o etnólogo, antes de mais nada, seja capaz de compreender o fenômeno do ser alheio. Entretanto, êle próprio se esquece de tal exigência ao emitir seu juízo sobre a Idade Média cristã e ao comparar idéias medievais com antigas (pág. 5). Ademais parece-me incorreta a sua atitude ao apresentar teorias antropológicas hipotéticas e controvertidas como certas e provadas (pág. 144 e notas 34 e 40).

O crítico, a quem cabe o papel do "advocatus diaboli", não deixará, contudo, de reconhecer que, apesar das deficiências apontadas, o livro de Dittmer é obra de excepcional valor. Poucos são os manuais de etnologia que li com tanto interêsse, já que apresenta sugestões ricas, tanto aos leigos interessados em etnologia como aos próprios especialistas. As excelentes e bem selecionadas ilustrações facilitam a compreensão do mundo estranho que o livro revela.

Pe. Guilherme Saake

CHARLES P. LOOMIS *et al.* (ed.). *Turrialba. Social Systems and the Introduction of Change*. 288 págs., ilustr. The Free Press. Glencoe, 1953. (Preço: US\$ 3,50.)

Trata-se duma pesquisa interdisciplinar empreendida por uma equipe de dezesseis cientistas, em sua maioria sociólogos e antropólogos, de

diversos países americanos. O trabalho foi realizado no vale de Turrialba, na encosta atlântica do planalto central de Costa Rica. A região se revelara particularmente promissôra para a investigação em virtude das facilidades decorrentes do estabelecimento, na região, do "Inter-American Institute of Agricultural Sciences" e do "Area Research Center of Michigan Sstate College". Orientada com vistas à aplicação prática dos resultados no campo de programas educacionais, a pesquisa focalizou de preferência os processos de mudança social e cultural na área, caracterizada como "sub-desenvolvida".

A monografia consiste em 14 capítulos: 1. Introdução geral (Loomis e Morales); 2. O campo de estudo (Morrison, Loomis, Sariola, Valerio e Morales); 3. Status social e comunicação (Loomis, Norris e Proctor); 4. Sistemas sociais informais (Proctor); 5. Sistemas econômicos (Norris); 6. Base ecológica de sistemas sociais em Turrialba (Painter); 7. Características demográficas da população (Painter e Murillo); 8. Condições de saúde (Morales, Scrimshaw e Arce); 9. Religião (Norris); 10. Educação (Arze e Clifford); 11. Extensão agrícola (del Rio); 12. Condições políticas (Proctor); 13. Níveis de vida em fazendas e pequenas propriedades (Clifford); 14. Estudo da estratégia da mudança em grandes propriedades e pequenas fazendas da América Latina (Loomis, Morales e Allee).

Embora a exposição do assunto se desenvolva predominantemente em plano descritivo, os autores revelam viva consciência dos problemas teóricos relativos à mudança, sobretudo no tocante aos grupos sociais e às "relações inter-pessoais". Comparam em especial as mudanças provocadas, num período de seis anos, nos sistemas sociais das grandes propriedades e nos das comunidades de pequenos sítiantes, chegando, entre outras, à conclusão de que "talvez o fator mais fundamental a ser considerado na estratégia da mudança na América Latina rural seja a escala de emprêsas econômicas da comunidade" (p. 279) e de que, em face da diversidade das rêdes de relações inter-familiares na existência comunitária e da diferente distribuição das famílias na escala dos status sociais, "uma aldeia de pequenas unidades econômicas de âmbito familiar colocará o agente agrícola ou o professor da escola comunitária diante de problemas inteiramente diversos dos que defronte numa aldeia composta de trabalhadores, inspetores e proprietários de fazenda" (p. 280). Considerações de ordem normativa são apresentadas, cautelosamente, em forma de hipóteses sujeitas a investigações futuras. Na opinião dos autores, uns tantos programas de mudança sócio-cultural, postos em prática em regiões latino-americanas, têm produzido resultados pouco satisfatórios por serem organizados de maneira, sobretudo formal, concentrando-se nas atividades de centros comerciais de extensas áreas, em vez de interferirem de preferência nos grupos de aldeia, caracterizados por fortes laços de solidariedade social.

Egon Schaden

HERBERT BALDUS: *Bibliografia crítica da etnologia brasileira*. 859 págs., 11 estampas. Comissão do IV Centenário da Cidade de São Paulo. São Paulo, 1954.

Entre os livros de etnologia brasileira publicados no correr de 1954, destaca-se, como utilíssimo instrumento de trabalho, esta volumosa e compreensiva obra de orientação crítico-bibliográfica. De há muito se